

TRILOGIA A SINA DO SETE II

NORA ROBERTS

A MALDIÇÃO DE HOLLOW



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Em memória dos meus pais.

“Mantenha as luzes da casa acesas.”

– LENA GUILBERT FORD

“Os voos da mente humana não são de prazer,
mas de esperança.”

– SAMUEL JOHNSON

PRÓLOGO

Hawkins Hollow
Junho de 1994

EM UMA LINDA MANHÃ DE VERÃO, UM MINÚSCULO POODLE JAZIA AFOGADO na piscina do quintal dos fundos dos Bestlers. Lynne Bestler, que escapulira para nadar antes de as filhas acordarem, pensou num primeiro momento que se tratava de um esquilo morto – o que já teria sido ruim o suficiente. Estava prestes a pegar aquela massa de pelos com a rede quando reconheceu Marcell, o adorado cachorro de estimação do vizinho. Esquilos não usavam coleiras de zircônia.

Os gritos de Lynne e o som dos respingos de água quando ela jogou o pobre cão com rede e tudo de volta na piscina fizeram seu marido surgir correndo usando apenas uma cueca boxer. Os soluços da mãe e os palavrões do pai, por sua vez, acordaram as filhas gêmeas, que apareceram aos berros em seus pijamas de Meu Pequeno Pônei. Momentos depois, a histeria no quintal fez os vizinhos saírem para dar uma espiada enquanto Bestler tirava o corpo do animal da água. Como muitos homens, ele havia desenvolvido um apego a cuecas velhas, e o peso da água foi demais para o elástico gasto.

Dessa maneira, Bestler saiu de sua piscina com um cão morto e sem cueca. E a radiante manhã de verão na pequena cidade de Hawkins Hollow começou com choque, pesar, comédia e drama.

• • •

Fox soube da morte de Marcell minutos depois de entrar na Ma's Pantry para comprar uma Coca-Cola e dois pacotes de salgadinhos.

Estava no meio do intervalo do trabalho. Nos últimos dias, vinha ajudando o pai a reformar a cozinha da Sra. Larson. Ela queria bancadas, armários, piso e pintura novos. A velha senhora chamava isso de “moder-

nizar as coisas”. Fox chamava de “um modo de ganhar dinheiro suficiente para levar Allyson Brendon ao cinema sábado à noite”. Esperava convencer a namorada a conhecer o banco traseiro de seu velho fusca.

Não se importava de trabalhar com o pai, embora não quisesse passar o resto da vida brandindo um martelo ou uma serra elétrica. O pai era uma boa companhia, e o que faziam era mais interessante que cuidar da horta. Também lhe dava fácil acesso a Coca-Colas e salgadinhos, dois itens que nunca encontraria na casa dos Barry-O’Dells.

Lá era sua mãe quem mandava.

Ficou sabendo do cachorro por Susan Keefaffer, que contou tudo enquanto as pessoas em volta do balcão ouviam, bebiam café e fofocavam, sem nada melhor para fazer em uma tarde de junho.

Não conhecera Marcell, mas tinha um fraco por animais e ficou com pena do pobre cachorro. Essa sensação foi de algum modo atenuada pela imagem do Sr. Bestler, que ele *conhecia*, parado “nu em pelo”, nas palavras de Susan Keefaffer, ao lado da piscina.

Embora Fox tivesse ficado triste ao imaginar um pobre cão se afogando na piscina, não ligou o acontecimento – ao menos não de imediato – ao sonho que tivera na noite anterior, um sonho com sangue e fogo, vozes cantarolando em uma língua que não entendia. Afinal de contas, assistira *A noite dos mortos-vivos* e *O massacre da serra elétrica* com Cal e Gage, então o pesadelo não fora nada tão surpreendente.

Também não ligou o poodle morto ao que acontecera em Hawkins Hollow durante uma semana após o seu décimo aniversário. Depois da noite em que Cal, Gage e ele passaram na Pedra Pagã, tudo havia mudado para a cidade.

Os três rapazes fariam 17 anos dali a algumas semanas. Baltimore tinha uma ótima chance no campeonato daquele ano. Ele estava prestes a começar o último ano do ensino médio, o que significava finalmente atingir o topo da “cadeia alimentar” e decidir para que universidade ir. Havia uma chance de perder a virgindade com Allyson Brendon. *Esse* tipo de coisa ocupava sua mente.

Então, quando voltou pela rua e viu um garoto magro mal saído da fase desengonçada da adolescência, com cabelos castanhos grossos presos em um rabo de cavalo curto e olhos cor de mel protegidos por óculos, para ele era apenas outro dia comum.

A cidade tinha a mesma aparência de sempre. Limpa, um pouco antiquada, com lojas e velhas casas, pórticos pintados e meios-fios altos. Ele olhou na direção do Bowl-a-rama. Era o maior prédio da cidade, e onde Cal e Gage estavam trabalhando. Fox pensou em passar lá depois que terminasse o expediente.

Ele atravessou a rua, entrou na casa destrancada e ouviu o blues de Bonnie Raitt vindo da cozinha. O pai a acompanhava cantarolando em sua voz clara e tranquila enquanto checava o nível das prateleiras. Embora as janelas e a porta dos fundos estivessem abertas, o lugar ainda cheirava a serragem, suor e cola.

O pai trabalhava agora com calças jeans e uma camiseta velha. Seus cabelos eram um palmo mais compridos que os de Fox e estavam presos em um rabo de cavalo sob uma bandana azul. Havia raspado a barba e o bigode que usava desde que Fox era bebê. O rapaz ainda não se acostumara a ver tanto do rosto do pai... ou tanto de si mesmo nele.

– Um cão se afogou na piscina dos Bestlers – comentou o rapaz, e Brian interrompeu o que fazia e se virou para o filho.

– Que triste. O que aconteceu?

– Ninguém sabe. Era um daqueles poodles pequenos, por isso eles acham que o bichinho deve ter caído na piscina e não conseguiu sair.

– Ninguém o ouviu latir. Que jeito horrível de morrer. – Brian pousou suas ferramentas e sorriu para o filho. – Ei, também quero salgadinhos.

– Que salgadinhos?

– Os que estão no seu bolso de trás. Você não está carregando uma sacola e não ficou fora por tempo suficiente para terminar de comer. Aposto que tem bastante aí. Então a situação é a seguinte, meu jovem: você me dá um pouquinho e sua mãe nunca saberá que ingerimos substâncias químicas e subprodutos de carne. Isso se chama *chantagem*.

Fox riu e pegou os sacos. Comprara dois só para esse objetivo. Pai e filho abriram as embalagens, morderam e mastigaram em perfeita harmonia.

– O balcão está ótimo, pai.

– Está mesmo. A Sra. Larson não é muito chegada a cores, mas o trabalho ficou bom. Não sei quem vai me ajudar quando você for para a universidade.

– Ridge é o próximo da fila – comentou Fox, pensando no irmão mais novo.

– Ridge não guardaria as medidas por mais de dois minutos e provavelmente cortaria um dedo. – Brian sorriu e deu de ombros. – Esse tipo de trabalho não é para Ridge, nem para você ou qualquer uma de suas irmãs. Acho que vou ter que contratar um garoto que queira trabalhar com madeira.

– Eu nunca disse que não gostava.

Não em voz alta.

O pai o olhou como às vezes fazia, como se visse mais do que havia ali.

– Você tem um bom olho e boas mãos. Isso será muito útil quando você crescer, mas não ganhará a vida usando um cinto de ferramentas. Mas, até lá, você pode levar o entulho para a caçamba.

Fox olhou na direção do quintal contíguo, para o entulho no chão, e ouviu o som de crianças brincando. Foi quando sentiu seu corpo ficar paralisado.

As crianças brincavam com caminhões, pás e baldes em uma caixa de areia azul brilhante. Mas ela não estava cheia de areia. Os braços nus das crianças estavam cobertos de sangue quando elas ergueram seus caminhões. Fox cambaleou para trás enquanto os garotos imitavam sons de motores, os lados azuis da caixa se tingindo de vermelho e o sangue gotejando na grama verde.

Na cerca entre os quintais, onde as hortênsias estavam prestes a florir, havia um garoto agachado que não era um garoto. Ele mostrou os dentes em um sorriso enquanto Fox recuava na direção da casa.

– Pai! Pai!

O tom de medo em sua voz fez Brian correr até ele.

– O quê? O que foi?

– Você... você não está vendo?

Mas mesmo enquanto Fox dizia isso e apontava, algo dentro dele sabia. Aquilo não era real.

– O quê? – Com firmeza, Brian segurou os ombros do filho. – O que você está vendo?

O garoto dançou em cima da cerca de tela de arame enquanto chamas emergiam do solo e incineravam as hortênsias.

– Tenho que ir. Tenho que ver Cal e Gage. Agora mesmo, pai. Tenho que...

– Pode ir. – Brian soltou o filho e deu um passo para trás. Não o questionou. – Vá encontrá-los.

Fox praticamente voou pela casa e saiu, seguindo pela calçada. A cidade

não tinha mais a aparência de sempre. Fox a viu como era naquela semana horrível de julho, sete anos antes.

Fogo e sangue, lembrou-se.

Ele entrou correndo no Bowl-a-rama, onde as ligas de verão estavam em pleno jogo vespertino. O estrondo das bolas e o barulho dos pinos ressoaram em sua cabeça enquanto ele seguia direto até o balcão da frente, onde Cal trabalhava.

– Cadê o Gage? – perguntou.

– O que aconteceu? – perguntou Cal.

– Cadê o Gage? – repetiu Fox.

– Trabalhando no fliperama. Ele... ele está logo ali.

Ao sinal de Cal, Gage se aproximou.

– Oi, senhoras. O que foi?

Seu sorriso desapareceu quando ele viu o rosto de Fox.

– Fox, o que aconteceu?

– Ele voltou.

UM

Hawkins Hollow Março de 2008

FOX SE LEMBRAVA DE MUITOS DETALHES DAQUELE DIA DE JUNHO. DO rasgão da calça jeans do pai, do cheiro de café e de cebolas na Ma's Pantry, do barulho dos salgadinhos que os dois abriram na cozinha da Sra. Larson.

Porém, muito mais do que do choque e do medo, ele se lembrava de como sua família tinha confiado nele. A mesma confiança e o mesmo respeito que demonstraram na manhã de seu décimo aniversário, quando Fox voltou para casa com Cal, ambos exaustos e apavorados, com uma história em que nenhum adulto acreditaria. Ainda conseguia recordar o modo como seus pais se entreolharam quando ele descreveu algo sombrio, poderoso e horrível saindo da clareira onde ficava a Pedra Pagã. Eles não haviam rechaçado aquilo como se fosse uma brincadeira de criança, nem mesmo o repreendido por mentir sobre onde estava na noite anterior. Em vez disso, ouviram.

Fox olhou para a fina cicatriz em seu pulso, feita com a faca de escoteiro de Cal, quase 21 anos antes, para torná-los irmãos de sangue. Era a única cicatriz em seu corpo. Tivera outras antes daquele ritual, mas todas haviam desaparecido. Todos os seus ferimentos haviam sarado. Desaparecido sem deixar vestígios.

Era aquela marca, a mistura de sangue, que libertara a coisa aprisionada há séculos. Durante sete noites, aquilo havia se manifestado em Hawkins Hollow. Eles pensavam que o tinham vencido, três garotos de 10 anos contra o maldito que infectava a cidade. Mas ele voltara, sete anos depois, para mais sete noites infernais. Depois na semana em que fizeram 24 anos.

E voltaria de novo naquele verão. Já estava se manifestando. Mas agora as coisas seriam diferentes. Estavam mais bem preparados, tinham mais

conhecimento. Não eram só Cal, Gage e ele. Eram seis forças. Três mulheres ligadas por descendência ao demônio. Três homens ligados a quem aprisionara aquele mal.

Não eram mais garotos, pensou Fox quando estacionou na frente da casa geminada onde ficava seu escritório e apartamento. E, considerando o que o pequeno grupo de seis conseguiu fazer algumas semanas antes na Pedra Pagã, o demônio que um dia se denominara Lazarus Twisse teria algumas surpresas.

Depois de pegar sua pasta, ele cruzou a calçada. Tivera de suar muito e fazer um considerável malabarismo financeiro para comprar a velha casa de pedra. Os primeiros anos foram difíceis, mas o esforço e as infinitas refeições de sanduíche de manteiga de amendoim e geleia tinham valido a pena, porque cada centímetro do lugar lhe pertencia, assim como o Hawkins Hollow Bank and Trust's.

A placa na porta dizia: FOX B. O'DELL, ADVOGADO. A escolha pela advocacia ainda o surpreendia. No entanto, sua carreira não tinha a ver só com certo e errado, mas com todas as nuances no meio. E ele gostava de descobrir qual funcionava melhor em cada situação.

Entrou no escritório e se sobressaltou ao ver Layla Darnell atrás da escrivaninha na área de recepção. Ficou sem saber o que dizer por um momento.

– Hã...

– Oi. – O sorriso dela foi cauteloso. – Você voltou mais cedo do que o esperado.

Era difícil se concentrar quando havia uma morena sensual com olhos verdes no lugar da idosa e maternal Sra. Hawbaker.

– Eu... nós... vencemos. O júri deliberou há menos de uma hora.

– Que ótimo! Parabéns. Foi aquele caso de lesão corporal? Do acidente de carro? Do Sr. e da Sra. Pullman?

– Sim. Sim. Sim. – Ele trocou a pasta de ombro. – Onde está a Sra. H.?

– No dentista. Deixei anotado em sua agenda.

Claro que sim.

– Certo. Estarei na minha sala.

– Shelley Kholer telefonou. Duas vezes. Ela quer processar a irmã por alienação de afeto e... – Layla pegou um bloco de anotações. – “Por ser uma piranha, uma puta inútil.” Ela realmente disse puta. Na segunda vez, queria saber se, como parte do acordo de divórcio, obteria do futuro ex-marido

canalha e infiel parte do dinheiro que ele ganhou em algum tipo de bolão on-line da NASCAR, porque ela que havia escolhido os pilotos. Sinceramente, não sei se isso é possível.

– Vou telefonar para ela depois.

– Depois ela chorou.

– Droga. – Ele tinha um fraco por animais e mulheres infelizes. – Vou telefonar para ela agora.

– Não, é melhor esperar uma horinha – disse Layla olhando para seu relógio. – Neste momento ela está fazendo terapia capilar. Vai ficar ruiva. Ela não pode realmente processar a irmã por “alienação de afeto”, pode?

– As pessoas podem processar por qualquer coisa, mas vou convencê-la a desistir disso. Você pode me lembrar de telefonar para ela daqui a uma hora?

– Claro.

– E você? Gostando do trabalho? Precisa de alguma coisa?

– Estou bem. Alice... a Sra. Hawbaker... é uma boa professora. E muito protetora em relação a você. Eu não estaria aqui sozinha se ela não achasse que eu estou pronta. Além disso, como gerente administrativa em treinamento, eu é que deveria perguntar: *você precisa de alguma coisa?*

Preciso de uma gerente administrativa menos sexy, por favor.

– Estou bem. Só vou...

Ele apontou para sua sala e se afastou. Ficou tentado a fechar a porta, mas isso lhe pareceu indelicado. Nunca fazia isso, a não ser que estivesse com um cliente que precisasse ou fizesse questão de privacidade.

Como nunca se sentia ele mesmo de terno, tirou o paletó e o jogou sobre um dos ganchos, no formato de porco sorridente. Com alívio, tirou sua gravata e a colocou sobre uma vaca feliz. Sobraram um frango, um bode e um pato, todos entalhados por seu pai, que acreditava que até um escritório de advocacia poderia ser acolhedor se abrigasse um punhado de animais de fazenda lunáticos.

Fox concordava com ele.

Aquele era exatamente o escritório que sempre quisera. Ficava em uma casa, e não em um *prédio*, com vista para a vizinhança em vez de ruas movimentadas. Prateleiras abrigavam os livros de direito e itens de que precisava com mais frequência. Uma bola de beisebol assinada pelo incomparável Cal Ripken, o caleidoscópio que sua mãe lhe fizera, fotos emolduradas,

uma maquete em escala da Millennium Falcon construída quando ele tinha 12 anos.

E, em um lugar de destaque, o grande jarro de vidro contendo notas de 1 dólar. Uma nota para cada vez que ele se esquecia e dizia um palavrão no escritório. Por decreto de Alice Hawbaker.

Pegou uma Coca-Cola no frigobar e se perguntou o que diabo faria quando a Sra. Hawbaker fosse embora para Minneapolis e ele tivesse que conviver com a adorável Layla não só na equipe para derrotar o maldito demônio, mas cinco dias por semana em seu escritório.

– Fox?

– Sim? – Ele se virou, e lá estava ela de novo. – O que foi? Há algo errado?

– Não. Bem, nada além do nosso amigo demoníaco. Você não tem nenhum cliente marcado por algumas horas, e como Alice não está aqui, achei que poderíamos conversar sobre *aquilo*. Sei que precisa trabalhar em outras coisas, mas...

– Tudo bem. – Isso o faria focar em algo além daqueles olhos verdes maravilhosos e dos suaves lábios rosados. – Quer uma Coca-Cola?

– Não, obrigada. Sabe quantas calorias há nessa lata?

– Sei. E vale a pena. Sente-se.

– Estou muito nervosa. – Layla esfregou as mãos enquanto andava pelo escritório. – Fico mais inquieta a cada dia em que nada acontece, o que é uma idiotice, porque isso deveria ser um alívio. Mas não tem acontecido nada, absolutamente nada, desde que estivemos na Pedra Pagã.

– O dia em que atiramos paus e pedras em um demônio do inferno e lhe dissemos palavras realmente rudes? – brincou ele.

– E Gage atirou nele. – Ela parou, agora de frente para Fox. – Tremo só com a lembrança de Cal correndo para cravar uma faca naquela massa negra que se contorcia. E agora nada, há quase duas semanas. Antes o víamos quase todos os dias. Sentíamos, sonhávamos com ele.

– Nós o ferimos – lembrou Fox. – Ele está no lugar para onde os demônios vão lambe suas feridas.

– Cybil interpretou isso como uma trégua, mas acha que ele vai voltar com mais força da próxima vez. Ela está pesquisando todos os dias, e Quinn, bem, ela está escrevendo. Só que não estão chegando a lugar algum.

Ela passou uma das mãos por seus cabelos pretos e depois balançou a cabeça, fazendo as pontas desfiadas balançarem, o que Fox achou sensual.

– Algumas semanas atrás, Cybil obteve pistas de onde Ann Hawkins poderia ter ido para ter seus bebês.

Os ancestrais dele, pensou Fox. Giles Dent, Ann Hawkins e os filhos que tiveram juntos.

– E sei que eles não foram bem-sucedidos – disse ele.

– Sinto que essa é nossa melhor pista. Eles são seus ancestrais, seus, de Cal e de Gage. Onde nasceram pode ser importante, ainda mais porque temos alguns dos diários de Ann e concordamos que deve haver outros que podem explicar mais sobre Giles Dent. O que ele era, Fox? Um homem, um bruxo ou um demônio do bem, se é que isso existe? Como ele aprisionou Lazarus Twisse desde aquela noite em 1652 até a noite em que...

– A noite em que nós o libertamos – terminou Fox.

– Isso era parte do plano de Dent ou seu feitiço. Mas parece que não sabemos muito mais do que sabíamos duas semanas atrás. Estamos empacados.

– Talvez Twisse não seja o único que precisa recarregar as baterias. Nós o ferimos – repetiu Fox. – Nunca tínhamos conseguido fazer isso. Nós o assustamos. – E a lembrança daquilo foi suficiente para encher seus olhos cor de mel de satisfação. – A cada sete anos, tudo que fizemos foi tentar tirar pessoas do caminho e limpar a sujeira depois. Agora sabemos que podemos feri-lo.

– Ferir não é o suficiente.

– Não, não é.

Se estavam empacados, admitiu, em parte era culpa dele. Havia recuado. Arranjara desculpas para não estimular Layla a aperfeiçoar a habilidade dela, que se equiparava à que fora transmitida a ele.

– O que estou pensando agora?

Layla pestanejou.

– Como?

– O que estou pensando agora? – repetiu Fox, recitando deliberadamente o alfabeto em sua cabeça.

– Eu já disse que não leio mentes, e não quero...

– E eu já disse que não é exatamente isso, mas algo bem parecido. – Fox encostou no canto de sua sólida escrivaninha antiga, encarando a gerente administrativa. O colarinho de sua conservadora camisa de tecido estava aberto, e seus cabelos castanhos ondulavam ao redor de seu rosto mar-

cante, roçando na parte de trás da gola. – Você vê impressões, sensações, até imagens em sua cabeça. Tente de novo.

– Ter bons instintos não é o mesmo que...

– Isso é besteira. Você teme seu dom porque a faz se sentir...

– Não humana?

– Diferente.

Fox entendia a complexidade dos sentimentos dela em relação a isso. Havia algo nele que era diferente também. Às vezes isso era mais difícil do que usar terno e gravata.

– Não importa de onde isso veio, Layla. Você tem o que tem por um motivo.

– É fácil para você falar. Sua descendência não remonta a um demônio que estuprou uma pobre garota de 16 anos.

– Pensar dessa maneira só vai fortalecê-lo. Tente de novo – insistiu Fox, e desta vez segurou a mão dela antes que se esquivasse.

– Eu não... Pare de enviar coisas para a minha mente! – disparou Layla.

Ela pressionou a têmpora com a mão livre. Fox sabia que era um choque ter algo transmitido para sua mente quando não se estava preparado. Mas era inevitável.

– O que estou pensando?

– Não sei. Só vejo um monte de letras na minha cabeça.

– Exatamente. – Ele abriu um sorriso. – Viu? Você não pode voltar. Não pode simplesmente fazer as malas, voltar para Nova York e implorar por seu emprego de volta para o seu patrão.

Layla soltou sua mão enquanto suas bochechas se inundavam de cor.

– Pare de espionar meus pensamentos e sentimentos.

– Desculpe. Você está certa. Não tenho o hábito de fazer isso. Mas, Layla, se você não puder confiar em mim em relação ao que está logo abaixo da superfície, nós dois seremos praticamente inúteis. Cal e Quinn veem fatos que aconteceram no passado e Gage e Cybil obtêm imagens ou até mesmo ideias do que acontecerá no futuro. Nós somos o agora, eu e você. E o agora é muito importante. Você disse que estamos empacados. Ok, então vamos começar a nos mover.

– É mais fácil para você aceitar que tem essa coisa... – Ela balançou um dedo ao lado de sua têmpora. – Você convive com ela há vinte anos.

– E você não? Provavelmente tem o dom desde que nasceu.

– Por causa de um demônio na minha árvore genealógica!

– Sim. E o que fazer em relação a isso cabe a você. Você usou o que tinha há algumas semanas, quando estávamos a caminho da Pedra Pagã. Fez uma escolha. Eu já disse uma vez e repito: você tem que se comprometer.

– Você acha que não estou me comprometendo? Perdi meu emprego por causa disso. Subloquei meu apartamento porque não vou voltar para Nova York enquanto isso não terminar. Estou trabalhando aqui para pagar o aluguel e passando a maior parte do tempo em que *não* estou aqui trabalhando com Cybil e Quinn em histórico, pesquisa, teorias e soluções.

– E está frustrada porque ainda não encontrou a solução. Compromisso é mais do que dedicar tempo. E não preciso ser um leitor de mentes para saber que ouvir isso a deixa irritada.

– Eu também estava naquela clareira, Fox. Também enfrentei aquela coisa.

– Eu sei. A pergunta é: por que *isso* é mais fácil para você do que enfrentar o que tem em seu interior? É uma ferramenta, Layla. Se você deixa uma ferramenta parada ou enferrujada, ela não funciona. Se não a pega e usa, se esquece de como fazê-lo.

– E se essa ferramenta é afiada demais, e você não sabe o que fazer com ela, pode se machucar feio.

– Vou ajudá-la.

Ele estendeu a mão. Layla hesitou. Quando o telefone na recepção tocou, ela aproveitou a deixa para se afastar.

– Deixe tocar – sugeriu Fox.

Mas ela balançou a cabeça.

– Não se esqueça de telefonar para Shelley.

Tudo bem, pensou Fox com desgosto. Ele abriu sua pasta e pegou o arquivo e o caso de lesão corporal que acabara de vencer. *Não dá para ganhar sempre.*

Assim, ficou fora do caminho dela pelo restante da tarde. Era bastante simples instruí-la por e-mail a gerar a procuração de que seu cliente necessitava. Ou pedir para preparar, enviar ou pagar uma fatura. Ele fez os telefonemas de que precisava em vez de pedir a Layla que os transferisse para ele. De qualquer maneira, esse tipo de coisa sempre lhe parecerá estúpido. Ele sabia usar o maldito telefone!

Conseguiu acalmar Shelley, pôs em dia a papelada e ganhou um jogo

de xadrez on-line. Mas quando pensou em enviar outro e-mail para Layla, avisando para encerrar o dia, percebeu que evitar uma conversa direta não levaria a nada.

Ao entrar na recepção, a Sra. Hawbaker estava trabalhando à escrivania.

– Não sabia que você estava aqui – começou ele.

– Voltei há algum tempo. Acabei de revisar os papéis que Layla preparou para você. Preciso de sua assinatura nestas cartas.

– Está bem.

Ele pegou a caneta que ela lhe entregou e assinou.

– Onde ela está?

– Terminou o trabalho do dia. Ela se saiu bem sozinha?

– Sim.

Do seu jeito brusco, a Sra. Hawbaker dobrou as cartas que Fox assinara.

– Você não precisa de nós duas aqui em tempo integral e também não pode se dar ao luxo de pagar dois salários.

– Sra. H...

– Farei meio expediente durante o resto da semana – disse ela, enfiando as cartas em envelopes e os selando com destreza. – Só para me certificar de que tudo está funcionando. Qualquer problema, posso ajudar. Mas acho que não haverá nenhum. Só virei até a próxima sexta-feira. Temos que separar e embalar muitas coisas. Enviá-las para Minneapolis, mostrar a casa.

– Merda.

Ela simplesmente apontou o dedo para ele e estreitou os olhos.

– Quando eu não estiver mais aqui, pode falar palavrões. Enquanto eu estiver, modere a linguagem.

– Tudo bem. Sra. H...

– E não me olhe com cara de cachorrinho pidão, Fox O'Dell. Nós já discutimos isso.

Fox pôde sentir a tristeza dela.

– Mantereí o jarro em meu escritório para nunca me esquecer de você.

Isso a fez sorrir.

– Se continuar assim, só o conteúdo daquele jarro vai lhe garantir uma aposentadoria bem gorda. Mas você é um bom rapaz. E um bom advogado. Agora vá, Fox. Está dispensado pelo resto do dia, ou o que sobrou dele. Só vou terminar algumas coisas e depois trancar tudo.

– Ok.

Fox parou à porta e observou a Sra. Hawbaker. Ela estava com seus cabelos brancos feito neve perfeitamente arrumados e um pomposo terninho azul. Ele fechou a porta ao sair e enfiou as mãos nos bolsos enquanto andava pela calçada de tijolos. Ao ouvir o som de uma buzina, olhou e acenou para Denny Moser, cuja família era dona da loja de ferramentas local. Denny, que fora um hábil jogador da terceira base no Hawkins Hollow Bucks durante o ensino médio.

Denny Moser, que durante o último dos Sete fora atrás de Fox com uma chave inglesa, em uma clara tentativa de assassinato. Aquilo aconteceria de novo, e em questão de meses, se não o impedissem. Agora Denny era casado e pai de família. Era possível que dessa vez a vítima, em vez de Fox, fosse sua esposa ou sua filhinha. Talvez a esposa dele, ex-líder de torcida e atualmente funcionária licenciada de uma creche, cortasse a garganta do marido enquanto ele dormia.

A loucura em massa de pessoas comuns e decentes. E aconteceria de novo. A menos que...

Ele seguiu pela larga calçada de tijolos em meio à ventania daquela tarde de março. Cal provavelmente ainda estava no boliche. Iria até lá, tomaria uma cerveja ou talvez antecipasse seu jantar. E talvez os dois conseguissem descobrir qual rumo tomar a seguir.

Foi quando viu Layla do outro lado da rua, saindo da Mãe's Pantry com uma sacola plástica. Ela hesitou ao avistá-lo, e isso plantou uma semente de irritação em Fox. A mulher acenou casualmente, mas cada um tomou seu caminho.

Estava quase na esquina quando sentiu um medo súbito, que o fez parar e erguer a cabeça. Ali, nos fios elétricos, estavam corvos. Dúzias deles, empoleirados e em absoluta quietude. Amontoados, com as asas fechadas, observando. Quando olhou para o outro lado, viu que Layla também os avistara.

Fox não correu, embora houvesse uma necessidade urgente de fazê-lo. Em vez disso, atravessou a rua a passos largos e rápidos até onde Layla estava.

– Eles são reais? – sussurrou Layla.

– Sim. – Fox segurou-lhe o braço. – Vamos entrar? Depois...

Interrompeu-se ao ouvir a agitação atrás dele, apenas uma vibração no ar. E nos olhos de Layla, agora arregalados, viu que era tarde demais. O

som e a velocidade das asas batendo foram como os de um tornado. Fox a empurrou contra o prédio, e para baixo. Ele aninhou o rosto dela em seu peito e a abraçou, usando o próprio corpo para protegê-la.

Vidro se estilhaçou ao lado e atrás dele. Freios rangeram em meio a um som metálico de colisão. Fox ouviu gritos e sentiu o impacto de pássaros batendo-lhe nas costas, a dor aguda de bicos que golpeavam e rasgavam. Sabia que os sons surdos e úmidos eram daqueles corpos se espatifando em paredes e janelas, caindo mortos na rua e na calçada.

A coisa toda não durou mais que um minuto. Em um canto, uma criança gritava sem parar, uma nota longa e aguda após a outra.

– Fique aqui.

Um pouco ofegante, Fox se afastou para Layla poder ver o rosto dele.

– Você está sangrando, Fox...

– Apenas fique aqui.

Ele se levantou e olhou para o cruzamento. Três carros tinham colidido. Para-choques estavam amassados. Havia marcas de sangue no vidro blindado contra o qual os pássaros haviam se chocado.

Podia ter sido muito pior.

– Todos estão bem?

Ele não ouviu as respostas. Em vez disso, escutou com seus sentidos. Pancadas e machucados, nervos em frangalhos, cortes superficiais, mas nenhuma lesão grave. Deixou os outros assimilando o ocorrido e foi até Layla. Ela estava em pé com um grupo de pessoas que havia saído da Ma's Pantry e de lojas dos dois lados da rua.

– Que coisa mais estranha! – disse Meg, a cozinheira no balcão da Ma's, olhando para o vidro estilhaçado do pequeno restaurante.

Como já havia visto tudo aquilo antes, e coisas muito, muito piores, Fox segurou a mão de Layla.

– Vamos.

– Não deveríamos fazer alguma coisa?

– Não há nada a fazer. Vou levá-la para casa e depois telefonaremos para Cal e Gage.

– Sua mão. – A voz dela foi de assombro e nervosismo. – Ela já está sarando.

– É a parte boa da maldição – disse Fox.

– Não tenho esse privilégio – falou ela em voz baixa, correndo para

acompanhar o passo longo e rápido de Fox. – Se você não tivesse me protegido, eu estaria... – Ela ergueu uma das mãos para o corte no rosto dele, que estava lentamente se fechando. – Mas dói. Quando acontece e quando sara. – Layla baixou os olhos para as mãos fechadas de Fox. – Posso sentir.

Quando ele começou a soltá-la, Layla apertou sua mão.

– Não, quero sentir. Você estava certo antes. – Ela olhou para os corpos dos corvos espalhados pelo chão e para a garotinha que agora chorava desesperadamente nos braços da mãe. – Odeio admitir isso, mas você estava certo. Eu tenho que trabalhar isso. Não serei útil se não aprender a usar a minha habilidade.

Ela o olhou de novo e tomou fôlego.

– A trégua acabou.

DOIS

FOX TOMOU UMA CERVEJA SENTADO À PEQUENA MESA, CUJAS ELABORADAS cadeiras de ferro davam, de acordo com ele, um ar feminino à cozinha da casa alugada. No peitoril da janela, pequenos vasos coloridos de plantas acentuavam essa impressão, e o vaso pequeno de margaridas brancas complementava o ambiente.

Quinn, Cybil e Layla tornaram a casa um lar em questão de semanas, com mobília do mercado de pulgas, alguns tecidos e generosas pinceladas de cor. Conseguiram fazer isso enquanto dedicavam a maior parte de seu tempo a pesquisar e traçar a origem do pesadelo que infectava Hollow durante sete dias, a cada sete anos.

Um pesadelo que começara havia 21 anos, no aniversário que ele compartilhava com Cal e Gage. Aquela noite os havia mudado, tornando-os irmãos de sangue. As coisas mudaram de novo quando Quinn veio para a cidade lançar as bases para o livro dela sobre Hollow e sua lenda.

Agora isso era mais do que um livro de Quinn, a loura curvilínea que apreciava o lado fantasmagórico da vida e se apaixonara por Cal. Era mais do que um projeto para a amiga de Quinn da universidade, Cybil Kinski, a exótica pesquisadora. E ele achava que era mais do que um problema para Layla Darnell.

Cal, Gage e ele tinham laços que remontavam à primeira infância – até mesmo antes, porque suas mães haviam se conhecido durante uma aula do método Lamaze. Quinn e Cybil eram colegas de quarto na universidade e continuaram amigas desde então. Mas Layla havia vindo para Hollow e entrado nessa situação sozinha.

Ele se lembrava disso sempre que ficava um pouco impaciente. Independentemente de quão forte era a amizade que se desenvolvera entre ela e as outras mulheres e de quanto Layla estava conectada com tudo, sua jornada até ali fora um caminho solitário.

Cybil surgiu com um bloco de anotações. Ela o atirou sobre a mesa e depois pegou uma garrafa de vinho. Seus cabelos compridos e cacheados

tinham sido afastados do rosto com grampos prateados que brilhavam no escuro. Ela usava uma calça preta justa e uma camisa rosa. Estava descalça e com as unhas dos pés pintadas da mesma cor da camisa.

Fox sempre havia achado esses detalhes particularmente fascinantes. Ele mal conseguia se lembrar de combinar um par de meias.

– Então... – Os olhos castanho-escuros de Cybil procuraram os dele. – Estou aqui para obter seu depoimento.

– Não vai ler os meus direitos primeiro? – Quando ela sorriu, Fox deu de ombros. – Nós já não contamos tudo?

– Detalhes, consultor – disse ela, com suavidade. – Quinn gosta de detalhes por causa de seu livro, e todos nós precisamos deles para ter uma visão mais ampla do que estamos enfrentando. Quinn está ouvindo a versão de Layla lá em cima enquanto ela troca de roupa. Ela estava com sangue na saia. *Seu* sangue, presumo, já que ela não tinha um arranhão.

– Também não tenho nenhum arranhão agora.

– Sim, seu extraordinário superpoder de cura. Veio a calhar. Fale um pouco mais sobre o que aconteceu. Sei que é chato, porque os outros vão querer ouvir também. Mas não é isso que dizem nos filmes policiais? Reexaminar e talvez se lembrar de algo mais?

Como ela tinha certa razão, ele começou do momento em que havia erguido os olhos e visto os corvos.

– O que você estava fazendo antes de erguer os olhos?

– Estava a caminho do boliche para ver o Cal e comprar uma cerveja. – Seus lábios se curvaram em um meio sorriso, e ele ergueu a garrafa. – Veja só! Ganhei uma.

– Não se anime muito. Pelo que me lembro, você comprou essa aí.

Ele bufou.

– Você só notou que estava em um filme de Hitchcock quando se aproximou do cruzamento? – perguntou Cybil.

Ele passou os dedos pelos cabelos ainda úmidos. Havia tomado um bom banho para tirar os excrementos de pássaros.

– Eu estava distraído, pensando em... coisas do trabalho. Então olhei para o outro lado da rua. Layla estava saindo da Mã's.

– Ela foi comprar aquele leite desnatado horrível de Quinn – explicou, inclinando então a cabeça e erguendo uma sobrancelha. – Foi pura sorte ambos estarem no mesmo lugar?

Ele gostava de Cybil por ser rápida e direta.

– Estou inclinado a achar que esse era o objetivo. Se o grande demônio quisesse anunciar seu retorno, seria mais impactante se pelo menos um de nós estivesse no lugar. Não seria tão divertido se soubéssemos por terceiros.

– Concordo. E ele é capaz de influenciar animais. Isso já aconteceu antes.

– Sim. Corvos ou outros pássaros voando em direção a janelas, pessoas e prédios. Quando isso acontece, até os habitantes de longa data da cidade ficam surpresos. Como se fosse a primeira vez que viram algo assim. Eles se esquecem desses acontecimentos em pouco tempo. Isso é parte dos “sintomas” da maldição.

– Mas e durante o ataque? Havia outras pessoas, pedestres, gente passando de carro?

– Claro.

– E nenhuma delas disse “Caramba, olhe só todos aqueles corvos ali”?

– Não. – Ele assentiu, acompanhando o raciocínio dela. – Ninguém os viu ou os considerou incomuns até o ataque começar. Isso também já aconteceu antes. Pessoas verem coisas que não estão lá, e não verem coisas que estão. Só que nunca aconteceu tão antes dos Sete.

– O que você fez depois que avistou Layla?

– Continuei a andar. – Curioso, ele virou a cabeça em uma tentativa de ler as anotações dela, que estavam de cabeça para baixo. – Acho que parei por um segundo, e depois continuei a andar. Foi quando... senti a coisa. Como um arrepio na nuca. Eu os vi, em minha mente. Depois olhei para cima e os vi com os meus olhos. Layla os viu também.

– Ainda assim, ninguém mais viu?

– Não. – Ele passou novamente uma das mãos pelos cabelos. – Não acho que tenham visto. Eu quis levá-la para dentro, deixá-la em segurança, mas não deu tempo.

Cybil não o interrompeu ou questionou enquanto Fox contava o restante da história. Quando terminou, ela pousou seu lápis e sorriu para ele.

– Você é um amor, Fox.

– Verdade. Grande verdade. Por quê?

Ela continuou a sorrir enquanto se levantava e contornava a pequena mesa. Segurou o rosto dele e o beijou na bochecha.

– Vi sua jaqueta. Está rasgada e coberta de sangue de pássaro e só Deus sabe do que mais. Isso poderia ter acontecido com Layla.

- Posso comprar outra jaqueta.
- Como eu disse, você é um amor.
- Desculpe interromper esse momento tocante.

Gage entrou a passos largos, os cabelos escuros despenteados pelo vento, os olhos verdes e sarcásticos. Ele pôs o engradado de seis cervejas que carregava na geladeira e pegou uma.

– Nós já terminamos – anunciou Cybil. – Você perdeu toda a emoção da história. Que pena.

Ele abriu a cerveja.

– Tudo bem. Tenho certeza de que ainda teremos muitas emoções antes de isso tudo acabar. Você está bem? – perguntou a Fox.

– Sim. Não vou assistir ao meu DVD de *Os pássaros* tão cedo. Fora isso, estou bem.

– Layla não se feriu?

– Não, ela está lá em cima trocando de roupa. As coisas ficaram um pouco... complicadas.

Ao ver o olhar de Fox, Cybil deu de ombros.

– O que é minha deixa para subir, ver como ela está e deixar vocês dois conversarem.

Cybil saiu e Gage a seguiu com o olhar.

– Ela é bonita demais. – Tomando um longo gole de cerveja, ele se sentou de frente para Fox. – Está interessado nela?

– Em quem, Cybil? Não. – Fox se deu conta de que ela havia deixado um cheiro no ar que era ao mesmo tempo misterioso e agradável. – Você está?

– Olhar não tira pedaço. O que aconteceu hoje? Foi muito ruim?

– Já vimos coisas piores. Resumindo: corvos mortos, danos a propriedades, talvez alguns cortes e contusões. Eles a atacaram, Gage. E a machucariam feio se eu não estivesse lá. Os corvos voaram bem na direção dela.

– Poderia ter acontecido com qualquer um de nós. – Gage refletiu sobre aquilo por um momento. – No mês passado, ele foi atrás de Quinn quando ela estava sozinha na academia.

– Acha que ele está visando as mulheres, *supondo* que são mais vulneráveis?

– Não é bem uma suposição. Nós nos curamos, elas não. – Gage se recostou em sua cadeira. – Não há como manter três mulheres escondidas en-

quanto tentamos descobrir como matar um demônio secular furioso. Além disso, precisamos delas.

Fox ouviu a porta da frente se abrir e fechar. Então mudou de posição em sua cadeira e viu Cal entrar com várias sacolas.

– Hambúrgueres e sanduíches – anunciou Cal. Ele os colocou no balcão enquanto estudava Fox. – Você está bem? Layla está bem?

– A única baixa foi minha jaqueta de couro. Como está lá fora?

Pegando sua própria cerveja, Cal se sentou com os amigos. Seu olhar estava frio, sombrio e irritado.

– Cerca de uma dúzia de janelas quebradas. Lojas e carros destruídos. Nenhuma lesão grave. O prefeito e meu pai reuniram algumas pessoas para limpar a sujeira. O chefe Hawbaker está pegando depoimentos.

– E se as coisas correrem como de costume, daqui a alguns dias ninguém vai mais se lembrar disso. Talvez seja melhor assim. Se esse tipo de coisa se fixasse na mente das pessoas, Hollow seria uma cidade fantasma.

– Talvez devesse ser – disse Gage para Cal.

– Mas esta cidade...

– Não me venha exaltar a cidade, Cal! É só um lugar. Um ponto no mapa.

– São pessoas – corrigiu-o Cal, embora esse argumento já tivesse sido usado antes. – Famílias, negócios e lares. E é nossa! Twisse, ou qualquer que seja o nome que quisermos lhe dar, não vai nos roubar isso.

– Já lhe ocorreu que seria muito mais fácil derrotá-lo se não tivéssemos que nos preocupar com as três mil pessoas que vivem em Hollow? – retrucou Gage. – O que temos feito durante a maior parte dos Sete, Cal? Impedir que as pessoas se matem, obter ajuda médica. Nunca vamos vencê-lo se estivermos ocupados salvando a cidade!

– Ele tem razão. – Fox ergueu uma das mãos em um gesto de paz. – Sei que gostaríamos de esvaziar a cidade e partir para um confronto. Acabar de vez com isso. Mas não podemos pedir para três mil pessoas deixarem seus lares e negócios por uma semana. Não se pode esvaziar uma cidade inteira.

– Os anasazi fizeram isso.

Quinn entrou na cozinha. Foi até Cal primeiro. Seus longos cabelos louros balançaram para a frente quando ela se inclinou sobre a cadeira dele e o beijou.

– Oi.

Ela pousou as mãos nos ombros de Fox. Ele não soube ao certo se o gesto era puramente afetuoso ou tranquilizador. Mas quando a mão de Cal cobriu a dela, ficou claro que estavam unidos.

– Cidades e vilas já foram esvaziadas antes, por motivos misteriosos e inexplicáveis – continuou ela. – Os antigos anasazi, que construíram comunidades complexas nos cânions do Arizona e do Novo México, a vila colonial de Roanoke. As causas podem ter sido guerra, doença ou outra coisa. Tenho me perguntado se algum desses casos poderia ter algo a ver com o que estamos lidando.

– Acha que Lazarus Twisse acabou com os anasazi e os colonos de Roanoke? – perguntou Cal.

– Talvez, no caso dos anasazi, antes de ele adotar qualquer nome que conhecemos. Roanoke aconteceu depois de 1652, portanto não podemos atribuir isso ao nosso demônio canalha. É só uma teoria que estou explorando. – Ela se virou para espiar dentro das sacolas no balcão. – Em todo caso, deveríamos comer.

Enquanto preparavam a mesa, Fox conseguiu puxar Layla para o lado.

– Você está bem?

– Sim. – Ela segurou a mão dele e se virou para estudar a pele intacta. – Acho que você também está.

– Ouça, se quiser tirar alguns dias de folga, quero dizer, do escritório, tudo bem.

Ela soltou a mão de Fox.

– Você realmente acha que eu sou tão... medrosa?

– Não, só queria...

– Sim, você acha. Já me achava covarde por não ter comprado a ideia da... fusão mental vulcana.

– Não. Eu não acho que seja covarde. Só imaginei que poderia estar abalada. Qualquer um estaria.

– Eu estou bem.

– Fico feliz de ouvir isso. A propósito, você ganhou cem pontos por causa da referência a *Star Trek*.

Ela sorriu.

– Ok. – Quinn lançou um olhar cobiçoso para o hambúrguer de Cal antes de começar a comer seu frango grelhado. – Estamos todos atualizados sobre o que aconteceu. Pássaros do mal etc., etc. Estou planejando falar

amanhã com as pessoas que presenciaram o acidente. Também pensei em pegar um dos pássaros mortos e enviar para análise. Talvez haja algum sinal de mudança física, alguma infecção, algo *estranho* que possa ser detectado em uma autópsia.

– Não vamos discutir autópsias durante o jantar, por favor. – Cybil fez uma careta enquanto mordiscava uma parte do sanduíche de peru que cortara em quatro. – Eu tenho uma dúvida sobre esse caso. Layla e Fox sentiram e viram os pássaros ao mesmo tempo. Isso aconteceu por causa da habilidade específica que partilham?

– Imagino que sim – opinou Cal.

– Tendo a concordar – continuou Cybil. – Então como usaremos isso?

– Não usaremos. – Fox pegou algumas batatas fritas. – Não enquanto Layla se recusar a aprender a usar seu dom. Você pode não gostar disso, mas é assim que é. Seu dom só será útil para você, ou para a equipe, se você quiser aprender a usá-lo.

– Eu não disse que não faria, mas não vou deixar você me empurrar isso garganta abaixo. E tentar me envergonhar na frente dos outros também não funcionará.

– O que funcionará então? – contrapôs Fox. – Estou aberto a sugestões. Cybil levantou a mão.

– Como eu mexi nesse vespeiro, deixem-me tentar ajudar. Você tem reservas em relação a isso, Layla. Por que não nos diz quais são?

– Eu me sinto como se estivesse perdendo pedaços de mim mesma, ou de quem achei que fosse. Sinto que nunca voltarei a ser quem eu era.

– Talvez – disse Gage com tranquilidade. – Mas veja pelo lado prático... Essa é uma preocupação desnecessária, já que provavelmente você não vai sobreviver a julho.

– Obrigada pelo apoio, Gage.

Com uma meia risada, Layla pegou sua taça de vinho.

– Vamos pensar desta maneira. – Cal balançou a cabeça para Gage. – Você teria se ferido hoje se algo não tivesse despertado entre você e Fox. E aconteceu sem que nenhum de vocês tivesse essa intenção.

– Layla, em vez de achar que vai perder algo, pense no que pode ganhar com isso – sugeriu Quinn. – Nesse meio-tempo, continuaremos a examinar os diários de Ann Hawkins e os outros livros que a bisavó de Cal nos deu. Cybil está tentando descobrir para onde Ann poderia ter

ido na noite em que Giles Dent encarou Lazarus Twisse na Pedra Pagã, onde ela teve seus filhos, onde viveu até eles completarem 2 anos. Ainda temos esperança de que, se encontrarmos o lugar, poderemos achar mais diários dela. Cybil, você também descobriu algo sobre seus antepassados, certo?

– Sim. Uma das minhas ancestrais, Nadia Sytarskyi, se mudou para cá com a família em meados do século XIX – disse Cybil. – Ela se casou com Jonah Adams, um descendente de Hester Deale. E não é só isso: uns cinquenta anos depois, um de meus ancestrais do lado Kinski também veio para cá e se uniu à neta de Nadia e Jonah. Por isso, como Quinn e Layla, descendo de Hester Deale e do demônio que a estuprou e engravidou.

– Tornando-nos uma grande família feliz – interpôs Gage.

– Tornando-nos alguma coisa – acrescentou Cybil, olhando diretamente para Layla. – Não me agrada saber que parte do que sou tenha vindo de algo demoníaco. Na verdade, isso me enfurece o suficiente para estar determinada a usar tudo que tenho para acabar com ele.

– E se ele for capaz de usar o que você tem e é?

Cybil ergueu sua taça de novo, os olhos escuros faiscantes enquanto bebericava.

– Ele pode tentar.

– Sabe o que me preocupa? – Layla examinou os rostos das pessoas de quem passara a gostar. – Eu não consigo dominar o que tenho dentro de mim. Tenho medo de que em algum ponto isso possa assumir o controle. – Ela balançou a cabeça antes de Quinn conseguir falar. – Mesmo agora não sei se escolhi vir para cá ou se fui levada a isso. O mais perturbador é não ter certeza se tudo que fiz foi uma escolha ou apenas parte de um plano principal criado por essas forças, a escuridão e a luz. Essa é a minha maior preocupação.

– Ninguém está prendendo você a essa cadeira – salientou Gage.

– Vá com calma, Gage – disse Fox, mas Gage apenas deu de ombros.

– O que foi? Ela tem um problema, todos nós temos. Então vamos lidar com isso. Por que você simplesmente não arruma suas coisas e volta para Nova York? E continua vendendo sapatos caros para mulheres entediadas e ricas?

– Pare, Gage.

– Não. – Layla pôs uma das mãos no braço de Fox quando ele começou

a se levantar. – Não preciso ser salva ou protegida. Por que não volto? Porque isso me tornaria uma covarde, coisa que até agora nunca fui. Não volto porque nada agradaria mais àquele demônio que estuprou Hester Deale, semeou o mal nela, a enlouqueceu e a levou ao suicídio do que minha fuga. Sei melhor do que ninguém o que ele fez a ela. *Senti em mim* o que ele fez. Talvez isso me faça ter mais medo do que o resto de vocês; talvez isso seja parte do plano. Não vou a lugar algum, mas não tenho vergonha de admitir que estou com medo. Do que está lá fora e dentro de mim. Dentro de todos nós.

– Você seria estúpida se não estivesse com medo – disse Gage, ergueu sua taça em um meio brinde.

– A cada sete anos pessoas boas nesta cidade, pessoas comuns, inteligentes e sensatas, ferem umas às outras e a si mesmas – comentou Layla. – Fazem coisas que nunca pensariam em fazer em outro momento.

– Você acha que poderia ser afetada? – perguntou Fox. – Que poderia ferir alguém? Um de nós?

– Por que não? Como posso ter certeza de que estou imune? De que Cybil e Quinn estão? Não deveríamos considerar que nossa linha de descendência poderia nos tornar ainda mais vulneráveis?

– Essa é uma boa pergunta – acrescentou Quinn. – Perturbadora, mas boa.

– Isso não procede. – Fox mudou de posição para olhar nos olhos de Layla. – As coisas não funcionaram como Twisse planejava ou esperava porque Giles Dent estava pronto para derrotá-lo. Impediu-o de estar por perto quando Hester deu à luz, impediu-o de gerar mais filhos para que a linha de descendência fosse diluída. Não era de você que ele estava atrás. Na verdade, pelo que sabemos, você é parte do que dará a mim, Cal e Gage vantagem desta vez. Você tem medo dele e do que há em você? Pense que Twisse tem medo de você. Por que mais ele teria tentado assustá-la?

– Boa resposta.

Quinn apertou a mão de Cal.

– Além disso – continuou Fox –, não é só uma questão de imunidade ao poder dele de fazer as pessoas cometerem atos anormais e violentos. É uma questão de ter algum aspecto desse poder, embora diluído, que quando reunido acabará com ele de uma vez por todas.

Layla estudou o rosto de Fox.

– Você acredita nisso?

Ele segurou a mão dela.

– Diga-me você.

Ela hesitou, e Fox pôde ver e sentir isso. Por um momento, ela não queria aceitar o vínculo com ele. Precisou resistir ao impulso de fugir, mesmo quando sentiu o clique.

– Você acredita – disse Layla lentamente. – Você... nos vê como seis fios trançados em uma corda.

– E vamos enforçar Twisse com ela.

– Você os ama tanto! É...

– Ah... – Dessa vez foi Fox quem se afastou, confuso e constrangido por ela ter visto demais e ido mais fundo do que esperara. – Então, agora que resolvemos isso, quero outra cerveja.

Ele se dirigiu à cozinha e, ao fechar a geladeira com uma cerveja na mão, Layla entrou.

– Sinto muito. Eu não quis...

– Tudo bem. Não foi nada de mais.

– É. Eu só... Foi como entrar em sua cabeça ou em seu coração. Eu vi, ou senti, essa onda de amor, essa conexão que você tem com Gage e Cal. Não foi isso que me pediu para fazer, e foi muito intrusivo.

– Está tudo bem. Esse é um processo difícil. Eu estava um pouco mais aberto do que deveria porque achei que você precisava que eu estivesse. O fato é que você não precisa de tanta ajuda quanto eu pensava. Quanto você pensava.

– Não, você está errado. Eu realmente preciso de ajuda. Preciso que você me ensine. – Ela foi até a janela e observou a escuridão. – Porque Gage estava certo. Se eu continuar a deixar isso ser um problema para mim, será um problema para todos nós. Se for para eu usar essa habilidade, tenho de ser capaz de controlá-la para não entrar na cabeça das pessoas a torto e a direito.

– Começaremos nosso treino amanhã.

– Estarei pronta. Pode dizer aos outros que eu subi? Foi um dia muito estranho e quero descansar um pouco.

– Claro.

Por um momento, ela ficou parada olhando para ele.

– Olha, sinto muito se isso o constrange, mas há algo excepcional em um

homem que tem a capacidade de amar tão profundamente. Cal e Gage têm sorte de tê-lo como amigo. Qualquer um teria.

– Sou seu amigo, Layla.

– Obrigada.

Ele ficou onde estava depois que Layla se foi, lembrando a si mesmo de continuar a ser amigo dela. Ser o que ela precisasse, quando precisasse.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br